

Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras - ICHL
Departamento de Língua e Literatura Portuguesa – DLLP
Literatura Brasileira II.

Infância, Trabalho e Escravidão na obra de Aluísio Azevedo.

Jane Antonia Sales Rocha¹

Resumo: Este trabalho analisa a representação da infância e sua relação com o trabalho e a escravidão na obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. Abordando este tema, conhecendo, pesquisando o conceito sobre o que seria infância, percebemos que era preciso encarar o desafio de buscar e analisar conceitos que permitisse conhecer as populações infantis. Apresentamos como problema neste estudo o fato das crianças serem invisíveis na construção deste país. Porque embora as crianças tenha sua importância no processo de sociabilidade das famílias, elas não aparecem em imagens e nem em registros históricos? A partir desta indagação temos como Objetivo Geral: Analisar a infância, trabalho e escravidão na obra *O Mulato* de Aluísio de Azevedo. E como objetivos específicos: Pesquisar a trajetória da criança ao longo da história; Estudar quais tipos de trabalhos eram realizados pelos personagens Manuelzinho e Benedito; Verificar qual a forma de tratamento dado as crianças presentes na Obra;

Palavras- Chaves: Infância, Trabalho; escravidão.

Ao observar a obra do artista francês Jean-Baptiste Debret: “Um Jantar Brasileiro” de 1827, verificamos que o pintor estava preocupado em abordar as relações cotidianas do Brasil colonial. A tela proposta busca retratar que o escravismo era o pilar que sustentava a economia e o contexto social de uma época marcada pelo comércio humano e exploração do trabalho.

¹ Jane Antonia Sales Rocha, Acadêmica do Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas.

Figura 1 - Jean-Batiste Debret – O Jantar Brasileiro.



Fonte: página da Biblioteca Virtual no Google.

Feito as primeiras notas, o primeiro aspecto que nos chama atenção na tela é identificar com facilidade os livres e os cativos. Isto se dá perceptivelmente pela cor da pele. Outro aspecto que observamos, são: a posição que cada negro ocupa na sala de jantar, negros que servem, a negra que abana o casal e a impressão que nos passa que os outros estão a disposição dos brancos para atendê-los a qualquer emergência que venha surgir. Mas a parte primorosa desta pintura se destaca, quando Debret mostra a latente desigualdade social existente na época, mostrando as crianças ao pé da mesa como animais esperando migalhas dos brancos, enquanto estes se cercam de uma mesa farta feita pelas mãos daqueles não tinham nem o direito de ter uma refeição digna. “(...) dois punhados de farinha seca umedecidos na boca pelo suco de algumas bananas ou laranjas.” (DEBRET, 1989,p.176).

Na obra de Aluísio Azevedo *O Mulato*, é possível perceber através da descrição do autor inúmeras cenas em que os escravos estão presentes e sempre sendo tratados como meros objetos de seus senhores. Mas o que queremos com este trabalho é mostrar outra face da escravidão. Tanto se falam dos negros e negras, dos crioulos e das crioulas, mas pouco se comenta da criança. Ainda se referem a ela com termos pejorativos como negrinhos, negrinhas, moleques, peste, etc. Durante a narrativa pouco se fala da criança, a ela é dedicada somente algumas descrições. Embora a criança tenha sua importância no processo de sociabilidade das famílias é comum não haver muitas imagens e até mesmo

registros históricos sobre elas, e esta pesquisa pretende estudar a infância, o trabalho e a escravidão na obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo.

1. Infância, Trabalho e escravidão no século XIX

Ao longo da história, a criança tem sido apagada, abnegada, invisível diante de uma sociedade capitalista que busca a todo custo seu progresso sem pensar em políticas sociais voltadas para cuidar, proteger essas crianças que tanto trabalharam e até os dias de hoje pintam o cenário brasileiro.

Desde 1500, quando o Brasil foi descoberto, e suas terras começaram a ser habitadas, as crianças também estiveram presente nesse processo de formação e construção e se destacavam dois grupos: os pajens e grumetes que vinheram nas embarcações vindas de Portugal realizando trabalhos duros e servis.

Os pajens eram aqueles vindos da nobreza e eram encarregados de fazer os trabalhos mais leves, como arrumar os armários e camarotes, organizar as camas e servir as mesas. E os Grumetes eram aquelas tratadas como meros objetos, responsáveis pelas tarefas mais perigosas e penosas em alto mar, expostas a todos os tipos de violência e abusos sexuais, eram também submetidos a diversos castigos, além das péssimas condições de falta de higiene e a falta de alimentação. (BAZÍLIO; KRAMER, 2011, p.122).

Para o autor esses fatos não podem passar despercebidos, uma vez que a criança além da exacerbada rotina de trabalho nas embarcações ainda tinha que passar por uma série de violências psicológica, moral e sexual². Ressaltamos também que muitas crianças foram recrutadas para trabalhar nas embarcações e acontecia de várias formas, mas não menos cruel, variava entre rapto de crianças e a crise econômica que assolava Portugal. Era comum ver muitos pais indo alistar as crianças para servirem as embarcações como

² **Violência psicológica:** qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição de auto estima, ou que prejudique ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância, perseguição.

Violência moral: qualquer ação ou omissão de discriminação, agressão ou coerção pelo simples fato de vítima ser Mulher/criança e que cause danos, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial.

Violência sexual: é qualquer ato sexual ou tentativa de obtenção de ato sexual por violência ou coerção, comentários, ou investidas sexuais indesejados, atividades como tráfico humanos ou diretamente contra a sexualidade de uma pessoa, independente da relação com a vítima.

forma de sobrevivência e aliviar de certa forma as dificuldades enfrentadas pelas famílias (Rizzini 1997, p.147).

Somente em 1582 surgem as primeiras ações de cunho assistencial com a criação da Santa Casa de Misericórdia, onde assume a missão de atender as crianças através da Roda dos Expostos. No entanto esta instituição também se aproveitou da condição fragilizada da criança e passou a explorar a mão de obra infantil que em troca ganhavam comida e moradia. Entretanto a Roda dos Expostos era só uma forma de legitimar o trabalho realizado pelas crianças que viviam em condições miseráveis.

Em meados do século XIX, no processo consolidação da sociedade burguesa vemos que a criança ganha espaço no processo educacional, os colégios dos jesuítas nos primeiro dois séculos, depois os seminários e colégios de padre, foram os grandes focos de irradiação de cultura no Brasil Colonial.

Só os Negros e muleques parecem ter sido barrados das primeiras escolas jesuítas. Negros e muleques retintos. Porque a favor dos pardos levantou-se no século XVII a voz del-Rei, um documento que honra a cultura portuguesa. Neste constava uma série de proibições contra os negros tais como: o veto a educação, preconceito dos portugueses contra os naturais do país os quais denominavam raça “desprezível”, o amasiamento dos negros, o português que se ligasse as caboclas era considerado infame, etc.

Enfim, para negros e pardos no Brasil restou apenas serem companheiros dos meninos brancos nas aulas das casas-grandes e nos colégios. Longe de viverem experiências comuns da infância, estava-lhe reservado, o mundo do trabalho, de servidão e rupturas, pois nem esse direito lhe era reservado, uma vez que muitas eram tiradas/vendidas de seus pais para trabalhar em outras fazendas.

A muleque companheiro de brinquedo do menino branco e seu leva – pancadas. Logo que a criança deixa o berço, dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos por camarada, ou antes para seus brinquedos. O melhor brinquedo dos meninos do engenho de outrora: montar a cavalo em carneiro; mas na falta de carneiros, muleques. Nas brincadeiras muitas vezes brutas, os muleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, um barbante servia de rédea e um galho de goiaba, de chicote. (FREYRE apud KOSTER, 1958, p. 469).

Segundo FREYRE apud BELO, (1958, p.468), onde relata mais uma vez a austeridade que os negros eram tratados, como a escravidão trouxe para nós reflexos tão negativos que até hoje permeia a sociedade brasileira.

Não há como não refletirmos nestas práticas, sem nos causar indignação. Ao longo da história os negros foram humilhados, depreciados, tratados como mercadorias, sem mesmo ter direito de se defender. “Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida do brasileiro, é a ação do escravo e não a do negro, per si apreciamos”. (FREYRE apud BILDEN, 1958, p. 438).

2. Manuelzinho e Benedito

Nesta seção analisaremos as crianças Manuelzinho e Benedito, de forma a apresentar aos leitores como as crianças Manuelzinho e Benedito são descritas pelo narrador. Vejamos este fragmento:

Em seguida, atravessou a varanda, muito apressado, com as mãos escondidas, nas enormes mangas de um jaquetão, cuja gola lhe subia até a nuca, uma criança de uns dez anos de idade. Tinha cabelo à escovinha; os sapatos grandemente desproporcionados; calça de zuarte dobradas na bainha; olhos espantados; gestos desconfiados; um certo movimento de esconder a cabeça nos ombros, que lhe traía o hábito de levar pescoções (Azevedo, 2012, p. 39)

No capítulo IV da obra *O Mulato*, veremos como o narrador descreve a outra criança: “Benedito era cria de Dona Bárbara; um pretinho seco, retinto, muito levado dos diabos; pernas compridas, beiços enormes, dentes branquíssimo. (Azevedo, 2012, p. 72). É interessante observar a diferença quanto a apresentação das crianças, enquanto Manuelzinho é minuciosamente descrito, o narrador fala sobre suas roupas, sua idade, sua descrição física é possível até imaginarmos como seria essa criança. Mas Benedito, não sabemos que tipo de roupa estava usando, apenas adjetivos depreciativos. Mas como já está no nosso imaginário o perfil do escravo, sempre ligamos a uma pessoa negra, que usava apenas bermudas de saco de juta, e não mais do que isso, como bem menciona o narrador. “Benedito, apareceu à porta, de corpo nu” (Azevedo, 2012, p. 93)

O narrador também descreve o lugar de onde Manuelzinho veio, aldeia do Porto, e que estava no Brasil havia seis meses, além de mencionar que a criança tinha os olhos vermelhos de tanto chorar com saudades da mãe que tinha ficado em Portugal. Isto nos faz questionar, que mãe deixaria sua criança vim para um lugar tão distante sozinho?

Quem seria o responsável por educá-lo, cuidá-lo e protegê-lo? Inclusive a Própria Ana Rosa comenta sobre esse fato como vemos neste fragmento: “- Não sei como há mães que se separam de filhos nesta idade... Também, coitadas! Devem amargar muito!..”(Azevedo, 2012, p.40). Na situação que o narrador descreve Bentinho é bem diferente, em nenhum momento é possível saber de onde ele veio, sobre seus pais, muito menos sua origem. Ou seja, é notório verificarmos como a criança ao longo da história tem sido esquecida e muitas vezes ignorada.

Outro fator muito importante a ser pontuado, é que as crianças aparecem na narrativa realizando trabalhos servis: Manuelzinho, varria o armazém, limpava as balanças e burnia o peso de latão. Benedito sempre servindo, fazendo mandados e sendo xingado por dona Bárbara. O que era normal para um escravo do século XIX.

Ressaltamos também o tratamento que é dado aos personagens Manuelzinho e Benedito que também é diferenciado. Por seus colegas do armazém era chamado de “Salta chão”. “Punham-lhe nomes feios e chamavam-lhe “ó coisa!- ó Maroto! – ó bisca!” tudo servia para o chamarem menos, o seu verdadeiro nome” (Azevedo, 2012, p. 39). Pelo cônimo Diogo, Manuelzinho é chamado de maneira cortez. “- Ó Pequeno? Anda cá! (Azevedo, 2012, p.40). Depois Diogo também lhe perguntou sobre o seu plano para o futuro, neste fragmento é possível perceber que esta criança tinha um futuro pela frente: “Se tinha vontade de enriquecer; e não sonhava com uma comenda; se tinha visto pássaro guariba; se encontrara a árvore das patacas” (Azevedo, 2012, p. 40). Por Ana Rosa, além de cuidar da limpeza de sua unhas é tratado como amigo, como vemos neste fragmento: “- Olhe lá meu amigo, que asseio também faz parte do tratamento! (Azevedo, 2012, p. 43). Para esta criança há uma perspectiva para o futuro, pois o narrador relata que:

Quando Ana Rosa acabou de cortar as unhas de Manuelzinho, deu-lhe de conselho que estudasse alguma coisa: prometeu que arranjará com o pai metê-lo em aula noturna de primeiras letras, e recomendou-lhe que todos os dias de manhã tomasse o seu banho debaixo da bomba do poço. – Faça isso, que serei por você, rematou a moça, afastando-o com uma ligeira palmada na cabeça. (Azevedo, 2012, p. 43-44).

Já Benedito, o narrador sempre aponta para sua condição do negro e escravo, vejamos alguns fragmentos: “Olha, moleque, prepara guaraná! Se precisar de alguma coisa, é só chamar pelo Benedito” (Azevedo, 2012, p.45). Por dona Bárbara sua senhora

era sempre tratado de maneira ríspida, “- Ó Benedito! Moleque! Ó peste! Está dormindo, sem vergonha?! E logo o estalo de uma bofetada. – Arre que até me fazes zangar com visitas na sala!...”(Azevedo, 2012, p. 71). É notório que esta criança passava o tempo que tinha servindo na fazenda, sem descanso e ao menos ter refeição digna, pois os escravos em pleno século XIX, ainda sofriam com o sistema escravocrata. Até os comentários feitos pelo narrador eram preconceituosos, vejamos este fragmento: “Foi interrompido por Benedito que, nu da cintura para cima e acossado pela velha Bárbara, atravessou a sala com agilidade de macaco”(Azevedo, 2012, p. 72). Encontramos mais uma vez fragmentos que mostram como o personagem Benedito era mal tratado, a ele não era permitido descanso e menos ainda uma recusa, “- Ai, gentes! Não reparem!... bradou. Aquele não-se-que-diga, aquele maldito moleque!... Pois o desavergonhado não queria vir trazer água, sem pôr uma camisa?... Patife! Ah, se eu pego!... Mas deixa estar, que não as perdes, malvado! (Azevedo, 2012, p.72) .

O que percebemos é a discrepância quanto ao tratamento dado as crianças, principalmente a Benedito que estava na condição de escravo, maltratado e ainda vivia sob constantes ameaças. Além deste aparecer na obra sempre servindo, fazendo mandados, temos a impressão que esta criança em momento algum tinha descanso. Ambos os personagens trabalham copiosamente, mas diferente de Benedito, Manuelzinho tem uma esperança de um futuro bem sucedido, de estudar, de honraria. Mas para o escravo, somente terminar seus dias servindo, trabalhando exaustivamente na fazenda sendo maltratado, depreciado e castigado constantemente pelo fato de ser negro.

Este trabalho nos traz uma profunda reflexão sobre a criança não somente como um sujeito que teve seus direitos violados, mas como a criança que teve uma grande participação na construção deste país. Trabalhar esta temática requer uma pesquisa profunda, sobre a história da criança, sobre o sistema escravocrata, mas principalmente como um romance escrito em 1881, que retrata as realidades de um meio provinciano característico, a cidade de São Luís, no Maranhão, nos permite estudar a condição social, econômica de uma época.

Referências Bibliográficas

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri. *Infância, educação e direitos Humanos*/ Luiz Cavalieri e Sônia Kramer. – 4ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

DEBRET, Jean- Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil/ tradução e notas de Sérgio Miliet/ apresentação de Lygia da Fonseca F. da Cunha – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989. (Coleção reconquista do Brasil. 3. especial; vols. 10, 11 e 12)

Disponível em: <[https:// www.bibliotecavirtual.com.br/ojantarbrasileiro](https://www.bibliotecavirtual.com.br/ojantarbrasileiro)> Acesso em 19 de maio.2017.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira*. – 9ed. Rio Janeiro: José Olympio, 1958.

PRADO, João Fernando de Almeida. Jean- Baptiste Debret, com reprodução de quarenta paisagens do artista, do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina: notas sobre as paisagens do Paraná, por Newton Carneiro. São Paulo. Editora Nacional. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

RIZINNI, Irene. *O século Perdido: raízes históricas das políticas públicas para infância no Brasil*. – 1ed. Rio de Janeiro: Universitária, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ed. – São Paulo: Brasiliense, 1999.